

AS TESES EQUIVOCADAS DE AGAMBEN, CACCIARI E VATTIMO SOBRE A PANDEMIA

Antonio Ruzza¹⁸

21

Resumo: O objetivo desse trabalho é analisar os motivos e os argumentos utilizados pelo movimento obscurantista que se opõe às vacinas (*no vax*) no mundo inteiro, e de como, no caso da Itália, ele recebeu um apoio indireto e inesperado de três filósofos do campo progressista: Agamben, Cacciari, Vattimo. Partindo do conceito foucaultiano de biopoder, eles defendem que há uma tendência dos governos (de qualquer país) de aproveitar-se da pandemia para limitar a liberdade individual e instalar um estado de exceção. Esta posição provocou uma forte reação de pensadores em vários países, incluindo o Brasil. Neste artigo, nos posicionamos ao lado destes críticos, porque consideramos equivocadas aquelas teses, sobretudo pelas consequências do ponto de vista político, além do filosófico.

Palavras-chave: pandemia, liberdade, exceção.

Abstract: This work aims to analyze the reasons and arguments used by the obscurantist movement that opposes vaccines worldwide (*no vax*), and how, in the case of Italy, it received indirect and unexpected support from three philosophers from the progressive field: Agamben, Cacciari, Vattimo. Starting from Foucauldian concept of biopower, they argue that there are a government trends (in any country) to take advantage of pandemic situation to limit individuals' freedom and install a state of exception. Those positions have teased a strong reaction from thinkers in several countries, including Brazil. In this article, we stand on the side of these critiques, because we consider these thesis a big mistake, especially because of the consequences from a political point of view, in addition to a philosophical one.

Keywords: pandemic, freedom, exception

OS NO VAX

Sempre existiram, ao longo da História, grupos contrários à vacinação; entretanto, eles ganharam espaço e influência como nunca, na atual pandemia da Covid 19, e no mundo inteiro. Os que se opõem às vacinas podem ser basicamente classificados em duas categorias: os pós-fascistas e os idiotas (este último termo é usado no sentido etimológico e sem intenção ofensiva: em grego significa “sem ideias”).

¹⁸ Graduado em Engenharia pelo Politécnico de Torino (Itália) e em Filosofia pela USJT. Pós-graduado em “Docência para o ensino superior” pela UNIFAI. Mestre em Filosofia (Epistemologia da Política e do Direito) pela USJT. Doutor em Filosofia pela PUC. Docente de Filosofia no UNIFAI, no qual organizou vários grupos de estudo. Publicou *Rousseau e a moralidade republicana no Contrato Social* (Annablume, 2010); *Em nome das luzes: um desafio à religião* (Annablume, 2012); *A crítica de MacIntyre à Modernidade: Liberalismo, Individualismo e teorias da Justiça* (CRV, 2018); *Dois ensaios. Populismo. Antissemitismo* (Fibra, 2021). Publicou o artigo *A solução para o problema do absurdo em Albert Camus* no livro *Deus entre a Filosofia e a Teologia Contemporânea*, de 2014, editado pela Appris

Os pós-fascistas¹⁹ sempre procuram um pretexto para aparecer, tumultuar a situação, explorar um mal-estar, um ressentimento e um medo das pessoas, para sair da situação insignificante à qual foram condenados pela História. Utilizam muito o conceito de liberdade e de indivíduo,²⁰ justo eles que foram os maiores liberticidas e negadores da individualidade, criando rebanhos submissos e incapazes de pensar. A falta de vergonha é tanta que, numa manifestação de protesto na Itália contra o chamado *green pass*²¹, alguns deles chegaram a usar a estrela amarela, para mostrar que estavam sendo perseguidos e maltratados como os judeus nos campos nazistas. Não é necessário falar muito a respeito deles, porque são bem conhecidos os estragos provocados ao longo da História.

Nessa categoria, podemos incluir os populistas conservadores e reacionários do século XXI, que se opõem ideologicamente à Modernidade, porque ela quebrou um conjunto de valores tradicionais baseados na autoridade e numa pretensa homogeneidade do povo. Para eles, as vacinas, produto de alta tecnologia, são o símbolo de uma sociedade decadente e materialista, de pessoas que não querem aceitar as regras da natureza (na qual vale a lei do mais forte), e perderam a espiritualidade, porque desejam viver a qualquer custo. Estes populistas não estão realmente interessados na defesa da liberdade individual e da economia (argumentos mais utilizados), nem na busca do conhecimento, nem no enfrentamento da pandemia.

Na segunda categoria, temos os idiotas, aqueles que não têm ideias sobre o que estão falando, e mesmo assim pontificam; são incapazes de qualquer raciocínio lógico, de um pensamento crítico, de qualquer análise da realidade e das provas empíricas; não se dão conta e não têm vergonha das coisas que dizem. Muitos deles são negacionistas da ciência e das experiências mais evidentes, defendendo, por exemplo, que a Terra é plana, ou de que o homem nunca pisou na lua.²²

No caso dos *no vax*, misturando as duas categorias, podemos identificar quatro grupos.

Um primeiro grupo defende uma concepção arbitrária da liberdade individual, pela qual pode-se fazer e dizer qualquer coisa; porém, trata-se de um abuso da liberdade, que Locke chamou de licenciosidade. A liberdade pode ser absoluta (sem limitações) só para uma pessoa que vive isolada; na sociedade liberal-democrática (atualmente dominante), ela consiste numa falta de impedimentos (conforme a famosa definição de Hobbes), que podem ser legais ou físicos. Na prática, na sociedade contemporânea, ela é limitada em pelo menos três pontos. Pelo primeiro ponto, ninguém é livre de ofender, caluniar, provocar danos em alguém, sobretudo se não tiver provas, porque estaria violando a

¹⁹ Com este termo, entendemos grupos de pessoas que simpatizam com o fascismo histórico e compartilham valores e objetivos; mas não propõem as mesmas medidas, que eles admitem serem hoje indefensáveis ou impraticáveis.

²⁰ Estas palavras, como muitas do vocabulário político, são “significantes” que podem ter vários “significados” (ideias associadas).

²¹ Documento introduzido inicialmente na Itália em 2021 e logo adotado em vários países. Introduz controles e restrições para os não vacinados, proibidos (sem ele) de ir ao trabalho (escritório, fábricas, escolas), usar transporte público, entrar em lugares de lazer (cinemas, restaurantes, academias, museus etc.) É uma forma indireta de obrigar a vacinar-se. No Brasil não foi adotado.

²² Estas crenças folclóricas (diferentemente daquelas sobre a pandemia) não prejudicam a sociedade; portanto, não precisam ser combatidas.

liberdade e os direitos do outro. Pelo segundo ponto, ninguém é livre de desobedecer a leis feitas por autoridades legítimas e aprovadas largamente pela população, porque estaria arriscando a vida do outro (por exemplo, ninguém é livre de dirigir sem cinto de segurança ou fumar em lugar fechado); se para o infrator a lei inclui a prisão, ele não pode depois reclamar que o governo está violando a sua “liberdade individual de ir e vir”. Pelo terceiro ponto, ninguém é livre de pôr em risco o “bem comum”. Este é um conceito complicado, porque em geral é difícil definir o que é bom para todos (por causa das diferenças sociais, culturais etc.), e é rejeitado pelos liberais de todas as tendências. Porém, pode ser um consenso quase total de que, em casos emergenciais, a saúde pública é um bem de todos, porque ninguém gosta de ficar doente, e um governo deve fazer qualquer coisa para salvá-la, inclusive para não prejudicar as atividades econômicas e gastar dinheiro que poderia ser utilizado melhor em outras áreas. A pandemia representa uma emergência que justifica decisões duras e eventualmente um pouco autoritárias. Em tempos de guerras ou graves ameaças (como desastres naturais ou ataques terroristas), algumas liberdades individuais podem e devem ser suspensas, e as pessoas passam a ser objetos de vários controles.

É preciso também observar que a liberdade consiste em escolher entre duas alternativas (no nosso caso, vacinar-se ou não), mas para que a escolha seja consciente, é preciso estar bem-informado. E isso é difícil, quando a pessoa aceita qualquer *fake news*, ou segue a opinião de pessoas preconceituosas ou ignorantes do assunto ou que agem por motivação política que nada tem a ver com a ciência. Porém, os *no vax* continuam insistindo nessa definição arbitrária de liberdade, e recusam vacinas, distanciamento social e uso de máscaras. Eles argumentam também de que têm o direito constitucional de recusar um tratamento médico, e que estão sendo perseguidos e discriminados só pelas suas ideias. Infelizmente, filósofos que se posicionam na esquerda, concordam com este pretensão direito!²³ Eles consideram que a liberdade individual é um valor absoluto, que não pode ser limitado nem em situação emergencial.

Um segundo grupo de *no vax* tem objetivos políticos e segue uma ideologia de valores conservadores e antimodernos. Ele recorre a argumentos claramente absurdos, até ridículos, a partir da velha teoria da conspiração, pela qual existe um inimigo oculto e poderoso que quer prejudicar o povo e é responsável pelos seus fracassos (o mito do bode expiatório):²⁴ para ele, a covid não existe, é uma conspiração dos chineses para dominar o mundo ou das *big-pharma* para enriquecer-se às custas do povo.²⁵ Um influente membro deste grupo era o autodenominado filósofo Olavo de Carvalho, que desde o início

²³ Na Itália: Aganbem, Vattimo, Cacciari; mais em frente, comentaremos as suas posições.

²⁴ O cientista francês Luc Montagnier, prêmio Nobel pela descoberta do vírus HIV na década de 1990, desceu depois a ladeira anticientífica, condenando todas as vacinas, especialmente em crianças. Sobre a do coronavírus, afirma que ela vai destruir a espécie humana, que poderá ser reconstruída a partir dos não vacinados. É a estrela nas manifestações de rua dos *no vax*, porque afinal é uma “autoridade”. Politicamente, pode ser considerado um “idiota útil”. Falecido no início de fevereiro de 2022, ele está sendo considerado uma vítima das *Big Pharma*, que o teriam assassinado quando estava pronto para revelar o engano das vacinas.

²⁵ Os filósofos acima listados, sendo de esquerda, acrescentam os interesses dos grandes capitalistas. Os eternos antisemitas detectam uma nova conspiração judaica para destruir o mundo cristão, favorecer o comunismo e enriquecer.

disse que o vírus era uma conspiração, uma historinha de terror para acovardar o povo, tirar-lhe a liberdade e fazê-lo aceitar a escravidão (!).²⁶

Um terceiro grupo mostra um medo injustificado, devido basicamente à ignorância e a preconceitos (não existe propriamente um objetivo político),

Finalmente, temos um quarto grupo: aquele composto de indivíduos muito religiosos ou supersticiosos, que se consideram totalmente protegidos por Deus, ou pensam que o destino está escrito e não precisam tomar providências (ou, ao máximo, devem rezar com mais fervor). O ministro brasileiro Mendonça, que defendia a abertura de igrejas e templos mesmo no pico da pandemia (apesar do parecer contrário de autoridades eclesásticas responsáveis), chegou a dizer que os verdadeiros cristãos estão prontos a morrer para defender a liberdade de culto, como se ela fosse ameaçada! Mendonça estava pensando nos mártires, supostamente perseguidos pelos romanos pagãos ou nos regimes comunistas.

Certamente, algumas dúvidas são legítimas, porque a situação da pandemia é fluida e os conhecimentos devem ser continuamente revistos; algumas medidas restritivas se revelam ineficazes e devem ser modificadas; porém, as dúvidas não podem ser com relação ao uso das vacinas em si, porque a História mostrou a sua absoluta necessidade e eficiência em erradicar várias doenças endêmicas. Assim, entendemos que depois de quase dois anos de pandemia, não há mais muito o que explicar, nem descobrir novos argumentos para tentar convencer tais pessoas. Somente no terceiro dos grupos acima listados, é possível insistir na ação de convencimento para superar medos injustificados.

Nos outros grupos, as pessoas apresentam uma carga ideológica ou religiosa tão grande, que nenhum argumento e nenhuma prova científica os faz mudar de ideia. Para elas, as teorias dos *no vax* se transformaram em objeto de fé, uma nova religião, para a qual é aceitável morrer. Outras pessoas têm valores e preconceitos tão arraigados que os levam a negar um conhecimento (a utilidade e segurança das vacinas) que viole tais valores, como bem explicou Feyerabend sobre o relativismo epistemológico;²⁷ porque, por exemplo, eles não querem ter o corpo invadido por algo estranho, e admitem que preferem morrer.²⁸ Também é possível que alguns tenham problemas neurológicos que os impedem de entender a situação e os argumentos bem colocados.

Vamos agora examinar o posicionamento de três filósofos (Agambem, Cacciari, Vattimo) que criticam ações governamentais contra a pandemia (não propriamente as vacinas, mas a sua obrigatoriedade e as decisões restritivas). Eles partem dos estudos de Foucault sobre o poder, algo que se exerce (mas não se possui); é uma rede dentro da qual os indivíduos circulam sem poder sair, ora como agentes, ora como dominados, dependendo da relação do momento e do lugar da rede. Ao longo da

²⁶ Ultraconservador e defensor do chamado Tradicionalismo, guru de Bolsonaro, Olavo acaba de falecer de Covid neste final de janeiro.

²⁷ O autor de *Adeus à Razão* afirma que existem vários discursos com diferente capacidade de impor-se; assim, ciência empírica (com o método e as evidências justificadas), astrologia e invocação dos espíritos teriam o mesmo status epistemológico. É possível que só um modelo seja afinal aceito, ou que todos possam conviver na mesma sociedade.

²⁸ Esta posição é defendida pelos Testemunhas de Jeová, que recusam a transfusão de sangue mesmo sabendo que vão morrer; porém, esta decisão prejudica só eles, diferente do caso dos *no vax* que prejudicam a muitos!

História, o poder passou por três “tecnologias”. A primeira foi a do soberano: foi típica das sociedades clássicas, medievais e modernas, com o soberano controlando tudo ou quase, incluindo o poder de exercer a “justiça”²⁹, a partir de certos direitos (naturais, divinos). Foi identificado com o governo, por exemplo o absolutista,³⁰ mesmo após o surgimento de teorias sobre a divisão dos poderes. É um poder que se exerce fazendo morrer e deixando viver.

Esta situação é invertida na segunda manifestação do poder, que foi a da disciplina, típica da sociedade criada pela Revolução Industrial: ela se exerce ainda sobre o corpo do indivíduo, corpo que continua objeto de várias restrições, sobretudo nas prisões e manicômios, apesar do término dos suplícios;³¹ ele deve ser mantido produtivo e submisso; o sujeito controla a si mesmo (quer dizer, o Estado não precisa usar sempre a violência ou a ideologia); é condicionado e auto-condicionado; é objeto de investimento nas fábricas, prisões e escolas. Portanto, o poder faz viver e deixa morrer, a partir de uma visão do corpo que podemos definir utilitarista. O terceiro momento foucaultiano é o do biopoder: é aplicado à vida da população como um todo, com os programas de previdência social, prevenção de doenças, controle da natalidade; se serve das ciências sociais e da psicanálise; em algumas épocas incluiu também eugenia ou pureza racial, com pretensa base científica. Nesta etapa, não se presta atenção somente ao corpo, mas também à alma, que não é a ilusão dos teólogos, mas um conjunto de pensamentos e sentimentos, que são investigados para descobrir motivos e desequilíbrios, por exemplo, para entender um crime.³² A ligação entre os dois últimos poderes é feita pelas normas, que ao mesmo tempo individualizam e remetem ao conjunto de indivíduos. Anormal é aquele que não se encaixa na norma, quem se desvia dela,³³ e deve ser punido. Como veremos, é o conceito de biopoder que é reinterpretado ou atualizado pelos três filósofos a ser examinados.

Foucault também fez algumas considerações sobre as pestes, que fascinaram muitos escritores, de Tucídides até Manzoni, Allan Poe e Camus; e pintores, de Breugel até Munch, Bocklin e Schiele. Numa aula do curso *Os Anormais* de 1975, ele traz duas diferentes visões: o sonho literário, pelo qual as pessoas, sabendo que vão morrer logo e querendo aproveitar os últimos prazeres da vida, se abandonam a orgias e crimes, desrespeitando as leis por uma concepção de liberdade absoluta (quase uma pulsão freudiana

²⁹ Este era um dos muitos privilégios do rei absolutista ou do senhor feudal, porque qualquer crime era considerado indiretamente contra a sua pessoa, e ele deveria vingar-se. Durante um longo ritual, os condenados à morte (após um processo muitas vezes secreto) eram supliciados em público, para deixar o povo amedrontado, mas ao mesmo tempo satisfeito com o soberano exercendo o seu poder. Foucault destaca a inutilidade de tudo isso, e a desvantagem de que o soberano podia exercer o direito de misericórdia a seu bel-prazer.

³⁰ A palavra “governo” significava originalmente “dirigir condutas”; depois foi apropriada pelo Estado, como sua prerrogativa (sociedade da lei, da disciplina, do controle). Ele tem nas pessoas o seu objeto, na economia o seu saber, na segurança os seus mecanismos.

³¹ Eles foram abolidos aos poucos no século XVIII, com o avanço do pensamento iluminista e das reformas solicitadas por magistrados e políticos, que queriam reduzir o poder do governante e apostavam em penas mais eficazes (como a prisão perpétua, que assusta mais do que a morte). O novo sistema judiciário e penal deveria transmitir ao possível criminoso duas certezas: que seria descoberto (pela eficácia o sistema investigativo) e que cumpriria a pena até o fim. Julgava-se assim que o crime não compensaria.

³² Consulte as obras *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir*.

³³ Esta tradição começou na Alemanha, no século XVIII.

de morte); e o sonho político, onde o poder se exerce na forma mais exacerbada de controle, proibindo qualquer contato entre pessoas.

GIORGIO AGAMBEN³⁴

26

Este filósofo se posicionou, já a partir fevereiro de 2020, contra as primeiras medidas restritivas e o *lockdown* do governo italiano, que se antecipou à própria OMS. Agamben publicou uma série de artigos sobre a pandemia de coronavírus,³⁵ alguns dos quais fazem também parte da coletânea *Sopa de Wuhan*, da qual participaram Zizek, Badiou, Harvey, Byung-Chul, Preciado, Jean-Luc Nancy, Judith Butler e outros, todos do curto período entre fevereiro e abril de 2020. Os artigos de Agamben provocaram surpresas pelas suas conclusões, sobretudo no campo da esquerda no qual ele é inserido. O assunto foi logo discutido no Brasil por Yara Frateschi,³⁶ Carla Rodrigues³⁷ e Oswaldo Giacoia³⁸, além de outros.

Certamente, as reflexões de Agamben são coerentes com a sua linha de pensamento sobre o “estado de exceção”, que traz uma suspensão temporária de alguns ou todos os direitos constitucionais, a partir de um pretexto; e esta seria a tendência de todo governante, mesmo democrático. Porém, argumentaremos que existem situações (exceções!) no qual a condenação e a luta contra o “estado de exceção” deve ser ou abandonadas ou adaptadas. Defender um pensamento total e definitivo como faz Agamben, independentemente de algumas condições externas da realidade objetiva (não aquela percebida), não é prova de coerência e fidelidade a si próprio, mas de falta de maleabilidade e de pragmatismo.

Vamos resumir os pontos principais da visão de Agamben:

1. O governo é uma instituição toda poderosa (um Leviatã, com o soberano hobbesiano que conserva os direitos naturais e está acima das leis promulgadas por ele), que espera somente uma oportunidade (a pandemia, no caso) para impor o estado de exceção, no qual são suspensas ou eliminadas as liberdades individuais da democracia liberal: inicialmente, o direito de ir e vir; depois, o direito de não se vacinar. Esta oportunidade pode acontecer por acaso ou ser “inventada” (e seria interpretada como uma conspiração).

2. O povo é uma entidade que vive uma “vida nua”, quase só biológica, sem sentido, sem grandes objetivos, satisfeito com a mediocridade que, em todo caso, lhe permite viver com um certo conforto e

³⁴ As suas obras mais conhecidas são *Homo Sacer* e *Estado de Exceção*.

³⁵ Publicados pela Boitempo com o título *Reflexões sobre a Peste*. Em ordem cronológica, são: 1) A invenção de uma epidemia (publicado em 26 de fevereiro de 2020); 2) Contágio (de 11 de março de 2020); 3) Esclarecimentos (de 17 de março de 2020); 4) Reflexões sobre a peste (de 27 de março de 2020); 5) Distanciamento social (de 6 de abril de 2020); 6) Uma pergunta (de 14 de abril de 2020).

³⁶ Artigo [Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia](https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/). In: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/>

³⁷ Artigo (em conjunto com Ana Carolina Martins, Caio Paz, Isabela Pinho e Juliana Moraes Monteiro) [Agamben sendo Agamben: por que não](https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/16/agamben-sendo-agamben-por-que-nao/). In: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/16/agamben-sendo-agamben-por-que-nao/>

³⁸ Vídeo da *Casa do Saber*, em 03/04/2020. Disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=4QvXLQtNu2E>

satisfação na sociedade consumista e tecnológica. O povo sente também medo³⁹ do novo e do desconhecido, e aceita e se submete ao estado de exceção como um mal menor e um recurso para não morrer. Se a submissão foi tão rápida, é porque já existia uma “peste moral”, pela qual o homem enxerga um inimigo no outro homem, agora transformado em um portador de contágio.⁴⁰ O risco, para o futuro, seria ter um indivíduo ainda mais isolado, portanto, mais controlável pelo Estado; seria um avanço na desumanização. A pandemia marca a crise do pensamento.

3. Passado o perigo, o estado de exceção continua! Esse é o biopoder do Estado,⁴¹ que nos controla por meio do nosso corpo. O seu aliado não são mais as instituições religiosas, mas é a ciência,⁴² transformada em uma nova religião que proclama verdades absolutas e estabelece que o único valor é a sobrevivência, às custas da liberdade e do distanciamento social e humano. Os avanços tecnológicos que toda guerra traz para vencer o inimigo externo (tal é definido o vírus), podem depois ser incorporados ao sistema político e ser considerados “normais” instrumentos de controle. Entre eles, a vigilância digital, que em países asiáticos é uma realidade, por causa de uma cultura menos individualista. Outro aliado do Estado é a mídia que criaria um irracional clima de pânico (medo coletivo).

Discordamos dos três pontos

1. Não é verdade que o governo é uma instituição tão poderosa assim. Como argumentou Foucault na *Microfísica do poder*, este é distribuído em uma grande quantidade de instituições, e nenhuma pode dominar as outras, e todas operam com uma certa autonomia. A prova a encontramos aqui no Brasil: se o autoritário Bolsonaro pudesse, daria um golpe e instalaria a ditadura, que é o seu sonho. Nunca teria comprado vacinas. Mas, por enquanto, não pode; várias instituições o controlam e o limitam. Este afinal era o objetivo de Montesquieu, quando defendeu a teoria de divisão, balanço e independência dos poderes. Por outro lado, no caso das medidas impostas pelos governos centrais (do mundo inteiro, com a exceção do Brasil) por causa da pandemia, não se trata de um verdadeiro estado de exceção, mas de restrições de alguns movimentos e atividades, mesmo que importantes (viagens, aulas e trabalho presencial, lazer, reuniões etc.); a maioria das liberdades individuais são mantidas (incluindo, infelizmente, a publicação de *fake news* e interpretações equivocadas e anticientíficas!). Afirmar, como faz o filósofo romano, que as medidas de controle atuais excedem aquelas do nazifascismo significa banalizar os

³⁹ Medo: “paura” em italiano, termo usado no vídeo de Giacoia. Para o Hobbes, é o sentimento do “estado natural” que justificou a formação do estado absolutista. É interessante observar que as pessoas sempre negam de ter medo, como que fosse vergonhoso! “Eu não tenho medo de nada” é maior mentira que possa ser dita.

⁴⁰ O filósofo recorre à figura do *untore*, que no romance *Os noivos* de Manzoni, espalhava a peste em Milão no século XVII.

⁴¹ Os conceitos de biopoder e biopolítica, como visto, foram desenvolvidos por Foucault. Para o francês, eles são recursos de governos da Idade Moderna, mas para o italiano já existiam no mundo greco-romano. O governo nazista representou o seu ápice (com as metas de purificação da raça, eliminação dos indesejáveis e daqueles que viviam uma via indigna ou perigosa pelo Estado).

⁴² Sabemos que a “ciência” trouxe e justificou teorias absurdas e criminosas, como informa Carla Rodrigues no artigo citado, retomando Agamben: “a ciência afirmou que a histeria era doença de mulheres, que a homossexualidade era patológica e que os negros eram degenerados e inclinados à criminalidade. Ou, ainda mais assombroso e desconcertante, grande parte da tecnologia médica do século XX resulta dos experimentos dos campos de concentração”. Mas isso não justifica uma crítica ou desconfiança automática e geral, posição típica de um pensamento antimoderno, que acompanha discursos reacionários nos costumes e neoliberais na economia.

regimes verdadeiramente autoritários e ferir uma sensibilidade histórica. Afinal, não há um campo de concentração, que foi o espaço por excelência de execução da biopolítica nazista.

2. Existem muitas pessoas que vivem uma “vida nua”, mas não é verdade que o povo inteiro é uma massa amorfa, submissa e medrosa, preocupada só com a segurança. Esta é uma das várias preocupações de todo mundo, porém, em nível variado: bem pequena na Islândia, bem grande nos morros do Rio. E agora é a mais importante. A maioria das pessoas tem vários objetivos na vida, que lhe dão um sentido. Mas têm medo. Apesar de Maquiavel ter dito que para o governante é melhor ser temido que amado (porque o medo paralisa os inimigos do “príncipe”), a apesar de Montesquieu ter indicado no medo a mola que sustenta um regime tirânico, o sentimento em si não é ruim, porque o medo permite estar conectado com a realidade (aquela objetiva, não aquela percebida), conhecê-la e enfrentá-la melhor. O medo é o oposto do temerário, que já Aristóteles criticava como um afastamento, por excesso, do “justo meio” (a coragem). O problema é que políticos populistas transforma o medo em ódio contra um determinado bode expiatório; o ódio exige a vingança e a proclamação do estado de exceção. Contra esta posição de Agamben, podemos argumentar que a introdução das duras medidas adotadas para proteger a vida do cidadão mostra que esta vida não é considerada simplesmente “nua”, mas está acima de cálculos políticos ou econômicos. Agamben observa que nas epidemias do passado (as medievais, mas até aquela da gripe espanhola do início do século XX), não era decretado o estado de emergência; porém, não fala das quarentenas que sempre existiram⁴³ (inclusive para os imigrantes! Porque a pobreza era considerada portadora de doenças), e esquece de dizer que a vida humana não era tão valorizada como hoje, a partir do avanço dos direitos humanos.

3. Passado ou reduzido o perigo (no caso, controlando a pandemia graças às vacinas e às outras medidas sociais), o estado de exceção não durará. As pessoas o impediriam de qualquer maneira, é só ver como todos estão ansiosas de voltar à vida “normal” (com as devidas precauções) e à liberdade individual de ir e vir. Aristóteles, Maquiavel, Rousseau e outros filósofos republicanos distinguiam dois tipos de povos no mundo antigo: os que nunca conheceram a liberdade e por isso não sentiam falta (egípcios, babilônios, persas, celtas, judeus etc., todos chamados de bárbaros); os que conheciam a liberdade (os greco-romanos) e que, quando a perdiam por um estado de exceção (uma tirania), se revoltavam e a reconquistavam. Claro, a concepção de liberdade pelos antigos era diferente dos modernos, mas a atitude era a mesma, de reconquistar o que era conhecido e valorizado.

No caso do Brasil, a conclusão absurda a ser extraída das palavras de Agambem seria a seguinte. Temos cerca 20% de bolsonaristas fanáticos que querem seguir o pensamento ideológico do líder hostil ao isolamento, ao uso das máscaras e às vacinas (apesar de que muitos deles acabam se vacinando). Estas medidas se mostram a única alternativa viável, não ideológica, para controlar a pandemia, e elas têm maior sucesso nos países nos quais governo, oposição e sociedade civil concordam que a pandemia é um

⁴³ O romance antes citado de Manzoni descreve que os suspeitos de ter a peste eram proibidos de sair de casa (as portas eram até lacradas).

problema real e não uma conspiração ou invenção. Eventuais diferenças estão nos métodos e na duração das medidas. Eles acompanham as posições dos cientistas e não dos economistas ou dos políticos demagogos e populistas. No Brasil, não há esta união, pelo contrário, há sabotagem do governo: o fato de desobedecer ao isolamento e à vacinação seria, para Agamben, um louvável ato de resistência ao estado de exceção, decretado por governadores e prefeitos, e considerado legítimo pelo STF! Nesta situação absurda, os “resistentes” bolsonaristas chegam a reclamar de violação dos direitos humanos, justo eles que seguem um líder que sempre os desprezou. A ministra Damares disse que governadores e prefeitos deveriam ser processados por violar “o direito humano das pessoas de sair de casa”! Ora!

Obviamente, não estamos dizendo que há uma coincidência de avaliação e de objetivos entre Agamben e Bolsonaro. Como observa Carla Rodrigues,

O presidente Jair Bolsonaro prega o fim do isolamento social em nome do que vamos chamar de atualização da fórmula da biopolítica. Se a soberania primeiro se instituiu pela máxima “fazer morrer, deixar viver” e foi substituída, nos estados modernos, por “fazer viver, deixar morrer”, Bolsonaro inaugura um novo momento, “fazer morrer, deixar morrer”, em nada semelhante à maneira como Agamben está propondo pensar os significados de vida e morte diante do novo coronavírus e as exceções que o acompanham.⁴⁴

Porém, há consequências comuns entre as duas posições, como em insistir que a pandemia é uma invenção de poderes misteriosos com fins ditatoriais para eliminar a liberdade, ou em subestimar os seus efeitos sociais, pelo fato que os mais prejudicados são os desfavorecidos, quer dizer, a pandemia aumenta as desigualdades entre nações e entre classes dentro de uma nação. Estas observações faltam na análise de Agamben, que não discute este tema, diferentemente de outros filósofos de esquerda. Entre estes, será suficiente citar Judith Butler,⁴⁵ que já em março de 2020 detectava um grande risco:

La desigualdad social y económica asegurará que el virus discrimine. El virus por si solo no discrimina, pero los humanos seguramente lo hacemos, modelados como estamos por los poderes entrelazados del nacionalismo, el racismo, la xenofobia y el capitalismo. Es probable que en el próximo año seamos testigos de un escenario doloroso en el que algunas criaturas humanas afirmarán su derecho a vivir a expensas de otros, volviendo a inscribir la distinción espuria entre vidas dolorosas e ingratas, es decir, aquellos quienes a toda costa serán protegidos de la muerte y esas vidas que se considera que no vale la pena que sean protegidas de la enfermedad y la muerte.⁴⁶

Estas palavras significam que a humanidade não sairá melhor da pandemia, não mostrará uma maior solidariedade, como alguns ingenuamente profetizaram no início, quando também diziam que as vacinas seriam distribuídas com equidade entre todos os países. Isso não aconteceu. Não é verdade que estamos todos no mesmo barco, situação que indicaria uma união idílica acima das classes e das desigualdades; estamos todos no mesmo mar, porém, alguns num confortável transatlântico, outros numa

⁴⁴ Site citado. As alternativas do Estado quanto ao deixar morrer ou viver dos súditos, é retirada do pensamento de Foucault.

⁴⁵ A sua obra mais conhecida é *Problemas de Género*.

⁴⁶ Artigo *El Capitalismo tiene sus límites*, in: *Sopa de Wuhan*, p. 62.

canoa furada. É inegável que a pandemia trouxe um aumento do sentimento do medo, que anula as ingênuas previsões de que surgiria uma humanidade mais solidária, a partir da observação de que o vírus não conhece fronteiras nem classes sociais. A propósito, Byung-Chul observa: “El virus nos aísla e individualiza. No genera ningún sentimiento colectivo fuerte. De algún modo, cada uno se preocupa solo de su propia supervivencia. La solidaridad consistente en guardar distancias mutuas no es una solidaridad que permita soñar con una sociedad distinta, más pacífica, más justa.”⁴⁷

Alain Badiou nega que a pandemia traga algo politicamente inovador, muito menos “una tercera etapa del comunismo, después de aquella brillante de su invención, y de aquella, interesante, pero finalmente vencida de su experimentación estatal”.⁴⁸ Assim, parece utópica a esperança de Slavoj Žižek⁴⁹ sobre a possibilidade de um duro golpe ao capitalismo e de uma reinvenção do comunismo: “Pero quizás otro virus ideológico, y mucho más beneficioso, se propagará y con suerte nos infectará: el virus de pensar en una sociedad alternativa, una sociedad más allá del estado-nación, una sociedad que se actualiza a sí misma en las formas de solidaridad y cooperación global”.⁵⁰

Conclusão: a reflexão filosófica de Agamben é interessante e original pelos conceitos desenvolvidos e pelas críticas a certos aspectos da sociedade pós-moderna. Porém, o filósofo romano olha o mundo de uma posição confortável e quer manter-se coerente com a sua avaliação do Estado eternamente opressor; portanto, não considera a particularidade e a novidade de uma pandemia, da qual podemos sair só por meio de uma maciça intervenção do Estado, mesmo às custas de uma redução provisória das liberdades individuais. Ele ignorou as questões propriamente médico-sanitárias. Em suma, ele se mostra desligado da realidade, que segundo ele deve acomodar-se aos seus conceitos; esta consideração permite a Yara Frateschi concluir:

Enquanto as filósofas Angela Davis e Judith Butler estão chamando atenção para como a pandemia intensifica precariedades já existentes e traz à tona as incapacidades do neoliberalismo para promover o básico para as camadas mais vulneráveis, Agamben não apresenta, em seus textos sobre o coronavírus, sinal de preocupação com as desigualdades já existentes e que podem ser ainda mais aprofundadas. Contudo, ele não poderia fazer melhor do que isso, pois pensa a sociedade como uma massa compacta que sustenta um único valor – o da vida nua – sem distinção de classe, raça, gênero, sexualidade, idade, etnia. Agamben desentende as desigualdades porque os seus sujeitos são um só: os sujeitos dessubjetivados pelos mesmos dispositivos. Custo muito, sempre custei, a entender por que essa filosofia interessa a uma perspectiva crítica de esquerda das sociedades capitalistas contemporâneas.⁵¹

A insistência de Agamben em ver a pandemia como invenção para impor um definitivo estado de exceção, objetivamente está prestando um serviço à extrema direita negacionista, que despreza a ciência e gosta de teorias da conspiração, para atrair os idiotas sobre os quais falamos no início desse

⁴⁷ Consulte o artigo *La emergencia viral y el mundo de mañana*, in: *Sopa de Wuban*, p. 110. A obra mais conhecida do filósofo coreano é *A Sociedade do Cansaço*.

⁴⁸ Artigo *Sobre la situación epidémica*, in: *Sopa de Wuban*, p. 77.

⁴⁹ Autor, entre outras obras, de *O amor impiedoso* e *O ano que sonhamos perigosamente*.

⁵⁰ Artigo *Coronavirus es un golpe al Capitalismo*, in: *Sopa de Wuban*, p. 22.

⁵¹ Site citado.

artigo. Ele fez uma comparação entre experiências incomparáveis (a sociedade com e sem pandemia), como observou o também filósofo italiano Roberto Esposito,⁵² apesar deste concordar com as consequências perigosas do biopoder, que provoca a medicalização da política e a politização da medicina (tendência já detectada por Foucault nos dois últimos séculos). Porém, ele não encontra nenhum possível desvio totalitário numa quarentena e nas outras restrições, inclusive porque em muitas situações o poder central deve ceder às exigências de governadores regionais e prefeitos.

Maikon C. S. Scaldaferrero conclui:

A crítica que Agamben faz da “biopolítica da pandemia” está estruturada em três pontos fundamentais: 1) o menosprezo pela gravidade da situação combinada com um negacionismo científico; 2) o alarmismo em torno da suposta ameaça de um Estado de exceção; 3) uma convocação ao heroísmo suicidário. Esses três pontos coincidem com falas e ações adotadas pelo governo do presidente Bolsonaro.⁵³

Agamben esqueceu a lição de Maquiavel de separar ética e política: para ser fiel ao seu julgamento moral sobre a sociedade moderna, ele não considerou as consequências políticas, pelo menos no debate acadêmico.

Finalmente, discordamos de “dialogar” com Heidegger, como faz Agamben, sobre ser escravo do pensamento técnico, sobre a racionalidade técnica que afasta da espiritualidade etc.⁵⁴ Criticar geralmente a técnica, desconhecendo os benefícios materiais e espirituais que ela trouxe à humanidade, é um saudosismo em favor da Idade Média, um retorno ao seu espírito comunitário e conservador. Não é necessário recorrer a este filósofo nazista para corroborar certas posições. Que, afinal, são claramente anti-iluministas.

MASSIMO CACCIARI⁵⁵

Este filósofo reconhece a existência da pandemia e do seu caráter excepcional que exige medidas excepcionais. Porém, ele insiste que a pandemia representa um pretexto para acelerar certas tendências sociais e culturais já em ato, de caráter autoritário e controlador que beneficiam só alguns grupos. Entre elas, ensino a distância e trabalho remoto, numa visão puramente econômica que elimina a individualidade, substituindo a comunicação pela simples informação. A situação sanitária reduz a ação das instituições intermediárias (partidos, sindicatos, imprensa, centros sociais, entes locais etc.), tão necessárias à democracia, porque as decisões são tomadas por um comitê de especialistas e justificadas

⁵² Autor de *Immunitas. Protezione e negazione della vita e Bios: biopolítica e filosofia*. O artigo de crítica indireta a Agamben é *Curati a oltranza*, disponível em <https://antinomie.it/index.php/2020/02/28/curati-a-oltranza/>

⁵³ Artigo da revista Griot: *A biopolítica da pandemia. Agamben e Bolsonaro entram em um bar*. Site: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/2354/1490>.

⁵⁴ Vídeo de Giacoia, já citado.

⁵⁵ Autor de *O poder que freia e Labirinto filosófico*. Foi eleito duas vezes prefeito de Veneza por uma coligação de centro-esquerda.

pela urgência que elimina qualquer debate. A política fica subordinada à ciência. Forças econômicas executam ações socialmente nefastas, sendo mais poderosas que os governos, por causa da globalização.

Estas preocupações parecem aceitáveis, sobretudo sobre os riscos de um controle total do Estado sobre os indivíduos, que podem ser rastreados em qualquer momento, como parece que acontece na China pelo uso extremado da tecnologia e da vigilância digital, sem proteção de dados e da *privacy*.⁵⁶ A biopolítica foucaultiana agora é digital! Porém, na mesma ocasião,⁵⁷ Cacciari já extrapola e destaca um plano para aumentar o medo das pessoas e aproveitar-se das suas angústias. Segundo ele, o medo, que é algo fisiológico, pode criar uma mentalidade definitiva e ser transferido do vírus para outros inimigos, como o imigrante que roubaria o emprego numa situação já difícil. Mas estes medos já existem! E são alimentados demagogicamente pelos populistas, e não pelos controles de governos democráticos.

O questionamento de Cacciari fica inaceitável quando, em julho de 2021, ele se manifesta contra o *green pass* (certificado vacinal) utilizando o conceito de discriminação de forma equivocada, porque ser impedido de fazer algo não significa ser discriminado; caso contrário, os fumantes poderiam se considerar assim; e a carta de motorista poderia ser vista como uma limitação de movimento. A verdadeira discriminação deixa a vítima sem alternativas; este não é o caso de quem não se vacina ou não fez o exame de motorista, porque a qualquer momento tem a liberdade de sanar a situação e livrar-se daquela que erradamente é chamada de discriminação (ela é só um impedimento, estabelecido em nome do bem comum). Para Cacciari, o *green pass* (aprovado por mais de 80% das populações onde é aplicado), atesta a hipocrisia do governo, sempre mais monopolizador do poder, que não teria coragem de impor a vacinação obrigatória (porém, ele não diz como isso poderia ser feito). Além disso, o filósofo veneziano levanta dúvidas sobre a real eficiência das vacinas que seriam ainda “experimentais”. Em colaboração com Agamben, ele escreve em um artigo publicado por *Diario della Crisi*, do *Instituto Italiano para os Estudos Filosóficos*:

A **discriminação** de uma categoria de pessoas, que se tornam automaticamente cidadãos de segunda categoria, é por si só um fato gravíssimo, cujas consequências podem ser dramáticas para a vida democrática. Estamos enfrentando isso, com o chamado *green pass*, com inconsciente leviandade. Todo regime despótico sempre operou por meio de práticas de discriminação, talvez no início contidas e depois desenfreadas. Ai de nós se a vacina se transformar em uma espécie de símbolo político-religioso. Isso não só representaria um desvio antidemocrático intolerável, mas contrastaria com a própria evidência científica. Ninguém está convidando a não se vacinar! Uma coisa é defender a utilidade da vacina; outra, completamente diferente, é calar sobre o fato de que ainda nos encontramos em uma fase de “experimentação em massa” e que, em muitos aspectos fundamentais do problema, o debate científico está totalmente em aberto. Todos estão ameaçados por **práticas discriminatórias**. Paradoxalmente, as pessoas “habilitadas” pelo *green pass* mais ainda do que os não vacinados (que uma propaganda de regime gostaria de vender

⁵⁶ Porém, não só na China, mas em outros países asiáticos (Coreia, Japão, Singapura etc.). Byung-Chul Han encontra a justificação na tradição cultural confuciana (inaceitável na democracia ocidental): autoritarismo governamental, obediência como virtude, maior confiança no Estado. Com isso foi possível limitar a difusão do contágio. Consulte o artigo *La emergencia viral y el mundo de mañana*, in: *Sopa de Wuban*.

⁵⁷ Entrevista de Maio de 2020 ao grupo de Literatura Contemporânea da UFSC. Disponível no site: <https://noticias.ufsc.br/2020/06/filosofia-italiano-massimo-cacciari-fala-sobre-pandemia-de-covid-19-e-mudancas-sociais/>

como “inimigos da ciência” e talvez defensores de práticas mágicas), já que todos os seus movimentos seriam controlados e nunca se poderia chegar a saber como e por quem.⁵⁸

Nesse texto, mesmo indiretamente, é possível detectar mais uma vez a defesa ultraliberal de uma concepção de liberdade individual, da qual já mostramos a nossa total discordância, porque oposta à ideia do bem comum que deveria ser uma bandeira da esquerda. É também absurdo falar de “propaganda de regime”, expressão depreciativa que na Itália se aplica somente ao antigo governo fascista, porque o discurso do governo atual não é uma propaganda demagógica que visa a uma lavagem cerebral, mas uma tentativa de esclarecer a população, sobretudo a parcela que está em dúvida. Corretamente, aquelas falas provocaram a reação de uma centena de filósofos e intelectuais italianos do campo progressista, que publicaram um manifesto de discordância sobre quatro argumentos da dupla: o desrespeito das provas científicas; o pretenso abuso do Estado na relação com os cidadãos; a discriminação entre cidadãos; a repressão da liberdade individual.⁵⁹

Entre as várias respostas, é interessante relatar aquela de Donatella di Cesare, que definiu grotesca a tentativa de considerar a pandemia um pretexto do biopoder para um controle antidemocrático sobre os indivíduos. Pelo contrário, é o nosso corpo que pode ser uma arma de contágio e morte para os outros: é isso que deve ser impedido, com o recurso do distanciamento e da máscara. A filósofa afirma que Cacciari e Agamben

[...] continuam escorregando por uma ladeira **desastrosa**, onde suas posições se fundem com as da **extrema direita**, onde suas vozes filosóficas agem como megafone dos **negacionistas** mais toscos, dos conspiradores mais **truculentos**. [...] Os erros de **Agamben e Cacciari** são, ao mesmo tempo, de **análise política** e de **juízo filosófico**. Mas como confundir o estado de emergência com o **estado de exceção**? Onde estaria a **discriminação**? Sempre fui favorável ao passaporte verde, uma medida necessária que, para **proteger a maioria** de quem escolheu a vacina, restringe a liberdade de uns poucos, aqueles privilegiados que, ao recusarem a vacinação gratuita, pagam por sua escolha.⁶⁰

O psicanalista Massimo Recalcati acrescenta:

A filosofia pode tornar-nos cegos. Porque a filosofia sempre corre o risco de cair na ideologia, se por ideologia entendemos, como lembra **Arendt**, fazer prevalecer a Ideia sobre a realidade. [...] O mesmo que cegou pensadores de grande profundidade, como **Agamben e Cacciari**. Com a referência ideológica à **biopolítica**, ao **biopoder**, ao **estado de exceção** etc., eles curvaram a realidade aos interesses da ideologia.⁶¹

⁵⁸ Site: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611534-sobre-o-passaporte-vacinal-artigo-de-massimo-cacciari-e-giorgio-agamben>.

⁵⁹ Site: <https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/10/15/non-solo-agamben-oltre-100-filosofi-contestano-il-loro-collega-e-firmano-un-documento-a-favore-di-green-pass-e-vaccini-il-testo/6356547/>. No manifesto, é também criticada uma fala de Agamben, que compara o *green pass* às leis raciais de Mussolini em 1.938!

⁶⁰ Site: <https://racismoambiental.net.br/2021/12/09/cacciari-e-agamben-numa-ladeira-desastrosa-artigo-de-donatella-di-cesare/>

⁶¹ Site: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/615681-recalcati-para-cacciari-e-agamben-eu-digo-a-filosofia-pode-cegar>. Para Hannah Arendt, ideologia significa “lógica da ideia” e foi levada ao extremo nos regimes totalitários. Recalcati observa que ideologia cegou um pensador profundo como Heidegger: “A ideia do destino niilista do Ocidente, da história como esquecimento do ser, quis ver no nazismo uma possibilidade de voltar a pensar nos deuses, a verdade como *aletheia*, a resistência diante do narcisismo humanista do Ocidente. Um delírio ideológico.”

Esta cegueira pode ser encontrada no seu artigo mais recente:⁶² ele volta a criticar o domínio da técnica, a pretensão da ciência à verdade absoluta e à eliminação da dúvida razoável, a *biossecurity* que deixa domesticadas as pessoas, a opção individual pela imunidade e não pela comunidade; e conclui de forma escandalosa que os idosos, que “na juventude leram Benjamin e Adorno, agora aceitam o controle sanitário e social só para acrescentar algum ano à sua própria vida”! Tal desejo e objetivo são os mais razoáveis e justificados pelo ser humano, porém Cacciari, numa grande falta de sensibilidade, os acha desprezíveis.

“Flagrado” em janeiro de 2022 numa fila para tomar a terceira dose, Cacciari explicou não ser contrário às vacinas, mas às restrições sanitárias que limitam a liberdade e ao *green pass*, que indiretamente significa obrigatoriedade da vacina. Acrescentou que os filósofos, como fez Sócrates, respeitam as leis, mesmo quando discordam. Porém, a distinção não impediu as ferozes críticas nas redes sociais dos *no vax*, que o acusaram de traição.

GIANNI VATTIMO⁶³

O posicionamento deste filósofo, que se considera formado na escola heideggeriana (sobretudo pela crítica ao cientificismo e ao domínio da técnica, que deixa o homem insatisfeito e o levaria ao niilismo), é mais recente e mais moderado. Ele defende o chamado “pensamento fraco”, daqueles que recusam as verdades absolutas e dogmáticas, e está em oposição ao “pensamento forte”, daqueles que querem manter a ordem atual e, portanto, precisam de certezas fundamentais. O pensamento forte é herança da modernidade iluminista, que limita a racionalidade aos cânones do empirismo e do positivismo; reduz a verdade à metodologia associada com a investigação científica; desvaloriza a verdade mediada pelas artes, pela tradição e cultura, pela religião; valoriza demais a ideia de progresso linear, que tem uma conotação metafísica e teleológica, porque traz uma visão otimista do mundo pelo desenvolvimento da técnica, e conseqüentemente uma pretensa sensação de evolução e superioridade, responsável por tantas atrocidades do século passado.

Vattimo não rejeita os avanços propiciados pelo iluminismo⁶⁴ (como fizeram as várias correntes antimodernas: românticas, idealistas, reacionárias, conservadoras, monarquistas saudosistas do *Ancien Régime* etc.); ele entende que não podemos simplesmente rejeitar (como fazem aquelas correntes) qualquer

⁶² Publicado no jornal *La Stampa* em 15/12/2021. Disponível no site: https://www.lastampa.it/audio/audioarticoli/2021/12/14/audio/cacciari_la_scomparsa_del_ragionevole_dubbio_nella_grande_nebbia_sollevata_dal_covid_-1570531/

⁶³ Autor de *O Fim da Modernidade*. Estudioso de Nietzsche e Heidegger, ele defende um “comunismo hermenêutico”, no qual é possível um cristianismo não dogmático que compreende o caráter provisório e contingente dos aspectos da vida humana, portanto, sem verdade definitiva e objetiva.

⁶⁴ Em particular: crítica ao absolutismo, contribuição filosófica para a derrubada dos *Anciens Régimes*, defesa dos direitos naturais e do espírito de tolerância, atenção às desigualdades sociais e políticas, separação religião / política; etc.

época que tenha nos precedido, mas devemos “recebê-la” e repensá-la em nossos próprios termos; porém, evidencia os seus limites e nesse sentido ele é um pós-moderno. Um limite do Iluminismo foi a confiança exagerada no uso da razão que resolveria todas os problemas sociais e permitiria estabelecer verdades inquestionáveis e definitivas; mas subestimou outros aspectos da natureza humana que não é racional ou pode encontrar vantagens em não ser racional. Apesar do otimismo iluminista, a razão tem os seus limites quando luta contra emoções e sensações que fazem encontrar e abraçar rapidamente as evidências em favor das próprias ideias (mesmo se preconceituosas) e descartar sem exame as contrárias. Para Vattimo, a pós-modernidade é uma abertura para novos métodos de conhecimento, é uma superação, não uma oposição à modernidade; a verdade é mais uma questão de interpretação. Assim, ele conclui que, se não superamos a mentalidade moderna, as afirmações de verdades são basicamente afirmações de poder, e o poder não está a serviço de todos. Entre as mais influentes, estão as verdades científicas.

Parece que Vattimo não considera que o poder pode mostrar resultados benéficos (porque pode produzir um saber, como diz Foucault, e o saber permite ao sujeito não ser dominado e melhorar tanto materialmente quanto espiritualmente); minimiza o fato de que a ciência traz provas e argumentos, então, ela é portadora de uma verdade que não pode ser contestada, pelo menos num curto período como é aquele da emergência trazida pelo Coronavírus. Como bem tratou Popper, as teorias científicas são provisoriamente verdadeiras, até que não apareça uma teoria com melhores resultados ou maiores evidências; se isso acontecer, a teoria anterior será considerada definitivamente falsa. Este, por enquanto, não é o caso das vacinas, que são a melhor solução (acompanhadas das outras medidas sanitárias). Como no caso de Agamben, a crítica genérica à ciência não se sustenta: primeiro, porque ela não tem a arrogância que os dois filósofos supõem, sobre a verdade absoluta e definitiva; segundo, pelo contrário, porque está crescendo a descrença entre as pessoas, por causa do aumento da religiosidade e da ação de políticos e agitadores populistas. Em suma, na sociedade atual não há um domínio do cientificismo.

Porém, no caso do coronavírus, devemos reconhecer que Vattimo condena o negacionismo, que representa a passagem da pós-verdade⁶⁵ para a pós-realidade. Ele não está duvidando da existência da pandemia e da validade da vacina. O problema, para ele, é de como o poder utiliza e se aproveita desta verdade científica.

Para Vattimo, um mundo dominado pelo capitalismo financeiro não está nas melhores condições para lidar com a pandemia e para defender as necessidades populares, porque o seu objetivo é sempre o lucro (nisto, ele concorda com a análise de Judith Butler); a maior evidência é de que aumentaram ou ficaram mais visíveis as desigualdades. Atividades mais necessárias foram toleradas apesar do *lockdown*, mas o mesmo critério não foi adotado em outros casos. Os auxílios concedidos pelo governo não foram suficientes.

⁶⁵ A pós-verdade não necessita de provas, é aceita pela “autoridade” de quem a proclama, explorando medos e preconceitos, distribuindo *fake news*.

De forma que julgamos correta, ele retoma de Adorno o conceito de sociedade administrada, que hoje, a pretexto do coronavírus, aumenta os controles além do necessário e diminua a distinção entre público e privado. Ele também alerta contra o trabalho a distância, que poderia continuar definitivamente. Nesse sistema, o trabalhador fica mais tempo a disposição do empregador e mais isolado dos colegas, dificultando atividades sindicais e relações humanas. A educação a distância anula a relação entre professor e aluno e atende a interesses puramente econômicos. Estas tendências estão já se confirmando.

Em uma entrevista de 05/04/2021 ao *Instituto Humanitas Unisinos*, ele retoma o conceito de controle coletivo e admite:

Mas há certa forma coletiva de controle que é benigna neste momento. Penso que é necessário voltar a uma expressão social utilizada pelo Papa Francisco, que é “**façam barulho**”, a busca de certa desordem que seja estimulante. Nesta situação, não se tem um projeto estável de ativismo político. Quase não existem formas de se opor a esse controle. Talvez a maneira mais concreta é por meio desse **fazer barulho**. Com isso, estaríamos estabelecendo algum limite ao controle coletivo, ainda que seja difuso.⁶⁶

Porém, este “barulho” está acontecendo de forma violenta, com ameaças e ataques a pessoas e instituições, com manifestações de rua que juntam pessoas sem máscaras e sem distanciamento, provocando uma maior circulação do vírus e o aumento dos infectados.

Na mais recente entrevista ao jornal *Corriere della Sera* em 08/12/2021, Vattimo decepciona ainda mais quando afirma que a dos *no vax* é uma “luta civil importante”; que a constituição está do lado deles, quer dizer, a obrigação das vacinas é uma violação da liberdade individual; afirma que sobre as vacinas não houve suficiente (!) discussão para superar os medos das pessoas. Assim, de forma indireta, ele está fornecendo uma justificativa e prestando um serviço ao movimento e aos inventores da pós-realidade!

CONCLUSÃO

Nesse artigo, tratamos da posição dos *no vax* com relação à pandemia de Coronavírus, sendo que os seus líderes ideológicos podem ser classificados na extrema direita conservadora e populista, demagógica na concepção da liberdade individual, e inimiga da ciência e de tudo o que é considerado “moderno”. Eles conseguem atrair grupos de pessoas que apresentam preconceitos, falta de ideias e conhecimentos, vários tipos de medo. Infelizmente, esta posição encontra um inesperado apoio indireto em alguns filósofos que militam na esquerda, no caso aqui tratado: Agamben, Cacciari e Vattimo. A partir de alguns conceitos desenvolvidos por Foucault, eles se mostram preocupados com o aumento do biopoder e do controle por parte do Estado sobre o indivíduo, aumento permitido pelo estado de exceção que de provisório ficaria definitivo; mas dessa maneira, para ser fiéis a um pensamento desenvolvido ao

⁶⁶ Site: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608948-e-necessario-voltar-a-uma-expressao-social-utilizada-pelo-papa-francisco-facam-barulho-entrevista-com-gianni-vattimo>

longo de anos, eles não consideram que vivemos uma emergência e acabam criticando medidas governamentais e sanitárias, sem indicar alternativas práticas. Se tais críticas fossem aceitas pelas autoridades, a pandemia seria mais violenta e aumentaria as desigualdades, gerando um evidente paradoxo entre quem se propõe de reduzi-las. Assim, os três pensadores trazem argumentações que não se sustentam nem filosoficamente (por causa do equívoco na concepção de estado de exceção e de biopoder), nem politicamente (por fornecer um auxílio indireto à extrema direita negacionista e populista).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2.021
- AMADEO, Pablo. *Sopa de Wuhan*. Barcelona: Aspo, 2.020
- CACCIARI, Massimo. *Labirinto filosófico*. Lisboa: Ayiné, 2.021
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1.997
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2.004
- VATTIMO, Gianni. *O fim da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2.002
- ZIZEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Boitempo, 2.012